

BRÁS, MOÓCA E BELENZINHO

formação e dissolução dos antigos bairros "italianos" além-Tamanduateí

Margarida Maria de Andrade*



o período que se estende, grosso modo, de 1870 até os anos de 1940, o Brás (incluindo parte do atual Pari), a Moóca e o Belenzinho transformaram-se, de subúrbios de chácaras em bairros industriais e operários¹.

Desse conjunto de bairros, o Brás foi o primeiro a se formar, tornando-se logo o centro em relação ao qual gravitavam os demais bairros além-Tamanduateí.

A designação além-Tamanduateí leva em conta a situação das terras baixas sobre as quais se edificaram esses bairros, a leste do rio Tamanduateí como, também, da velha São Paulo colonial. Ao longo do século XIX, essas terras compunham o "cinturão de chácaras" (Langenbuch, 1971, p.11) em torno do modesto núcleo urbano de São Paulo. Entre elas e a cidade, interpunham-se o rio e sua várzea, extensa área de inundação pelo transbordamento do rio na época das chuvas. A várzea, drenada, deu lugar, no começo da década de 1920, ao Parque D. Pedro.

No final do século XIX, quando São Paulo apenas despontava no cenário urbano brasileiro, Brás, Moóca e Belenzinho incluíam-se entre os novos bairros que nasciam na capital pela concentração do contingente crescente de imigrantes que afluía à cidade uma vez iniciada a Grande Imigração, promovida pelo governo brasileiro no quadro de substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre. Além deles,

devem ser citados, o Bom Retiro, a Barra Funda, a Água Branca, a Bela Vista, o Cambuci.

Mas nenhum destes destacou-se como o conjunto formado pelo Brás, Moóca e Belenzinho. Destacou-se como maior concentração de imigrantes e de fábricas da cidade e destacou-se como núcleo de intensa vida própria, a ponto de merecer a designação de "outra cidade", freqüentemente atribuída ao conjunto até os anos de 1940.

Mas, essa "outra cidade", esse conjunto de bairros, que como os demais citados eram identificados como "italianos", sofre, na segunda metade do século XX, um processo muito intenso de descaracterização, no sentido da dissolução de sua antiga identidade como bairros de imigrantes que, ao mesmo tempo que os distinguira na cidade, constituíra elemento de redefinição da própria cidade.

OS BAIROS "ITALIANOS" ALÉM-TAMANDUATEÍ

"A leste, um outro bairro, povoado sobretudo de italianos, estende-se ao longe na planície baixa e contrasta por suas fábricas, suas ruas sujas, seus esgotos lodosos, com as construções elegantes e as chácaras dos bairros ocidentais. Seria urgente drenar o solo e organizar vastos espaços em parques e jardins; mas as construções invadem incessantemente

as terras pantanosas e podres de imundícies, onde os córregos se encontram para ir se derramar ao norte no rio Tietê" (Réclus, 1894, p.370-1).

As primeiras transformações no antigo povoado do Brás - lugar de chácaras usadas como residências por segmentos da elite e ponto de parada para quem chegava a São Paulo vindo do leste pela Penha - no sentido de sua urbanização decorrem da chegada da ferrovia à cidade. A *São Paulo Railway* contava com uma estação no Brás, quando inaugurada em 1867. Dez anos depois, a antiga *Estrada de Ferro do Norte* tinha no Brás sua estação inicial em São Paulo.

Mas, o grande impulso à urbanização decorre da instalação, no Brás, da nova Hospedaria de Imigrantes, inaugurada em 1887, com capacidade para abrigar cerca de 3000 imigrantes, embora esse número tenha sido muito maior em diversos momentos de intensificação do fluxo de imigrantes².

A imigração subvencionada foi formulada visando a entrada em "proporção muito elevada de imigrantes para a lavoura". Previa, no entanto, também a entrada de imigrantes "de outras profissões", embora "em proporção diminuta"³.

Ainda que sob protestos dos cafeicultores, registrados, por exemplo, nos Anais da Câmara dos Deputados do Estado de São Paulo do final do século XIX, parcela dos imigrantes fixou-se diretamente nas cidades. Para dado momento, há mesmo

referência ao número de imigrantes que teria burlado as normas que determinavam o desembarque na Hospedaria em São Paulo, recorrendo, para isso, ao desembarque em estações precedentes⁴.

A decisão do governo de instalar no Brás a nova Hospedaria foi determinada pela presença das estações ferroviárias, mas respondeu também a estratégia da elite de segregar os imigrantes, de afastá-los dos bairros ditos burgueses. Assim é que o terreno adquirido na Luz para aí construir a nova Hospedaria, acabou recebendo outra destinação porque, segundo o Presidente da Província, não foi julgado "*próprio para um alojamento de imigrantes o bairro (da Luz) que mais se presta a ser aformoseado, e que vai merecendo a preferência da população abastada para aí construir prédios vastos e elegantes*"⁵.

O impulso à urbanização das terras além-Tamanduateí, decorrente da presença da Hospedaria e o caráter segregativo dessa urbanização foram ressaltados por um parlamentar em 1895, ao declarar que: "*O edifício da imigração, construído quando São Paulo era por assim dizer a metade do que é hoje, pelo próprio fim a que se destina, fez surgir em derredor a maior acumulação de habitações destinadas a pessoas de baixa classe*"⁶.

Para se ter uma idéia dessa acumulação, a população do Brás quintuplicou entre 1886 e 1893 (de 6 mil para 32 mil habitantes) e a população da cidade multiplicou por seis entre 1886 e 1900, ano em que cerca de 55% da população da cidade (que atingia 240 mil habitantes) era formada de estrangeiros, em sua maioria italianos.

A incorporação das terras além-Tamanduateí à cidade de São Paulo, inicia-se ao mesmo tempo que grandes transformações nela se desencadeiam. Isso, a partir de 1870.

Essas transformações expressavam-se no crescimento da população que decorria, em parte, do estabelecimento na capital de "*grandes proprietários e capitalistas da Província*"⁷, mas decorria principalmente da vinda de imigrantes estrangeiros - italianos sobretudo, mas também espanhóis e portugueses. O maior número deles retornava das fazendas de café, em razão de crises na cafeicultura, como de con-

dições de trabalho muito duras nas fazendas.

Expressavam-se, ainda, na redefinição das condições materiais da cidade que, além da expansão física e do aumento no número de domicílios, incluía uma série de inovações - ferrovia, iluminação a gás, abastecimento de água, rede de esgotos, bondes, calçamento de ruas, drenagem de várzeas, construção de edifícios públicos, pontes, praças e jardins.

Essa redefinição revelava um projeto das elites de modernizar a cidade, de equipá-la com certos serviços urbanos, a partir de modelos oriundos das nações dominantes no cenário mundial no final do século XIX. Investia-se nessas obras excedente gerado na economia cafeeira, florescente no interior da província já nos meados do século XIX.

Eurípedes Simões de Paula viu esse momento de transformações profundas na cidade como "*a segunda fundação de São Paulo*". A gestão de João Theodoro Xavier de Matos na presidência da província, iniciada em 1872, sob a ótica do autor, representou o marco principal dessas transformações (Paula, 1954).

Do ponto de vista da paisagem urbana, o pequeno burgo, herança do período colonial, com suas construções sóbrias em taipa de pilão, vai gradativamente dar lugar à "*cidade de tijolo*", como tão bem mostrou o arquiteto Benedito Lima de Toledo (Toledo, 1993). Nessa "*cidade de tijolo*" materializa-se a concepção de cidade da burguesia nascente. Burguesia ligada ao café sobretudo, mas, em alguma medida, muito pequena, ligada a um projeto de crescimento econômico baseado na industrialização. Vale lembrar que, na última década do século XIX, a indústria vivia seu primeiro surto na capital (Petroni, 1953, p.29).

Assim, as transformações na cidade de São Paulo nas últimas décadas do século XIX, têm suas raízes em modificações profundas na sociedade brasileira que inicia o movimento pelo qual à base agrário-exportadora se agrega o componente urbano-industrial.

É nesse quadro amplo que deve ser compreendida a integração do Brás, da Moóca e do Belenzinho à cidade de São Paulo, como bairros operários.

Um aspecto a ressaltar nessa transformação é que ela resultou, no essencial, de forças exteriores. Os grupos sociais que dominavam a vida desses lugares perdem relevo para grupos novos representados, sobretudo, pelos imigrantes, mas também pelos industriais, ambos sem vínculos anteriores com eles.

O Recenseamento da Província de São Paulo, de 1872, registra a presença na Paróquia do Brás⁸, de um número relativamente importante de "*capitalistas e proprietários*", além dos "*fabricantes*", de uns poucos profissionais liberais e de uma proporção elevada de pessoas sem ocupação. Portanto, havia na Paróquia do Brás uma população socialmente estratificada.

No que diz respeito às formas de produção industrial anteriores à grande indústria, não foi possível acompanhar a trajetória de antigos "*fabricantes*" - Bresser, João Boemer, José Ignácio de Araújo, entre outros - e de artesãos de diversos ofícios, aí localizados ao longo dos anos de 1870 e início dos anos de 1880. Presume-se, entretanto, que muitos estabelecimentos tenham deixado de existir, porque deixaram de constar de relações de fábricas levantadas posteriormente. Esse é o caso, por exemplo, dos estabelecimentos dos três "*fabricantes*" citados.

Cabe aqui assinalar que as transformações mencionadas não se fizeram de um salto e continuaram seu curso nas primeiras décadas do século XX. Fábricas e chácaras, por exemplo, conviviam ainda nos anos de 1910 e mesmo de 1920. Mas a tendência é clara no sentido da eliminação das antigas chácaras, cedendo lugar a outras formas de uso - residencial, industrial, comercial, institucional.

Nesse sentido, caberia indagar sobre as relações entre os grupos sociais originais e os novos.

Sem que tenha sido objeto de levantamento exaustivo, algumas indicações foram encontradas.

A *Fábrica Sant'Anna* (de juta), de Antônio Álvares Penteadado, foi instalada em 1889, nas proximidades da estação do Brás, da São Paulo Railway, na antiga chácara Menezes⁹. Jacob Penteadado refere-se a um pouso de tropeiros nas imediações da Rua Catumbi, no Belenzinho, em terras do coronel Fortunato Goulart. Este pouso

teria existido até a venda, em 1910, dessas terras à *Cia Nacional de Tecidos de Juta*, da qual era acionista Jorge Street, que aí construiu a *Fábrica* e a *Vila Maria Zélia*. Quanto ao referido coronel, transferiu residência da chácara para um chalé adquirido no Belenzinho, onde construiu casas para alugar (Penteado, s/d, p.79-80, 102-103 e 160). O mesmo autor refere-se a inúmeras chácaras existentes no Belenzinho nos anos de 1910, com pomares e hortas, em geral de portugueses. Estas chácaras forneciam verduras e frutas aos moradores do bairro e a verdureiros ambulantes.

As observações de Jacob Penteado sobre as chácaras remetem a considerações de Alice Canabrava ao analisar a transformação no próprio caráter das chácaras paulistanas, tomando como referenciais a situação no final do Império e em meados do século XX. As chácaras tradicionais eram propriedade da elite e embora esse tipo de propriedade fosse voltado à exploração do solo, principalmente para o cultivo de árvores frutíferas, tratava-se, no mais das vezes, de produção para "*abastecimento da família e não uma exploração comercial do pomar*". Desde o final do século XIX, essas antigas chácaras da elite foram sendo gradativamente loteadas e, desse modo, incorporadas ao tecido urbano. Ao mesmo tempo, foram surgindo as chácaras para cultura comercial de frutas e hortaliças, exploradas quase sempre por imigrantes portugueses e japoneses. Diferentemente das anteriores, estas procuraram as várzeas (Canabrava, 1949-50, p.99 e 103).

São também de Jacob Penteado relatos reveladores da situação de exclusão vivida pelos negros e de como eram discriminados pelos brancos.

Conta que, nos anos de 1910, viviam negros no Belenzinho, em "*ajuntamentos*" de casebres em um terreno aos fundos de uma chácara na Rua Conselheiro Cotegipe. Conta também, que os moradores das imediações "*aguardavam com justificado aborrecimento*", a comemoração da Abolição no dia 13 de maio. Desde a véspera, "*começavam a chegar negros que nem formiga*". A festa varava a noite, era animada pelo samba de roda "*sob o som infernal dos instrumentos de percussão*" e

acabava em promiscuidade. Diz ainda que moleques do bairro uniam-se em coro para ridicularizar o chefe dos negros - Barnabé - que "*de gênio manso, olhava a criancada e sorria bonachão*" (Penteado, s/d, p. 172, 215-218).

Nas poucas referências aqui incluídas já é possível identificar a tendência à diversificação dos modos de inserção econômica e social de grupos diferentes, presentes nos novos bairros industriais e operários em formação - antigos proprietários fundiários negociando suas propriedades com industriais, imigrantes produzindo para o abastecimento da cidade em frutas e verduras, negros cuja inserção econômica não fica definida.

No que diz respeito à atividade industrial, objeto de maior aprofundamento, cabem algumas considerações sobre dois grupos sociais, ambos heterogêneos, de cuja forte presença nos bairros em questão decorre, em grande medida, a distinção entre esses bairros e outras porções da cidade - os operários e os industriais.

O exame de duas grandes empresas industriais da época - *IRFM-Indústrias Reunidas F.Matarazzo* e *Cotonifício Crespi* - fundadas em São Paulo por imigrantes entrados com recursos aplicados no comércio e depois na indústria, revelou seu papel importante na estruturação dos bairros estudados. A reconstituição da história de grandes fábricas destas grandes empresas nos bairros estudados, mostrou a inserção crescente de imigrantes e seus descendentes como assalariados na indústria¹⁰.

Também foram estudadas duas empresas produtoras de teares - *Andrighetti e Ribeiro* - fundadas por imigrantes e filhos de imigrantes, nascidas no início dos anos de 1920 como "*oficinas de fundo de quintal*". As pequenas indústrias fundadas por imigrantes e filhos de imigrantes proliferaram em São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Inúmeras delas tornaram-se, com o tempo, empresas importantes (como foi o caso das duas estudadas), seus fundadores passando a compor a nascente burguesia industrial.

É preciso ressaltar que a ascensão econômica e social de parcela de imigrantes entrados como força de trabalho, pela via da criação de pequenas oficinas que se tor-

naram fábricas depois, não deve obscurecer o fato de que o grande contingente de imigrantes e seus descendentes veio a constituir a força de trabalho da nascente indústria paulistana. O crescimento da indústria justifica, inclusive, pensar que um número sempre maior de imigrantes integrava-se diretamente à indústria como assalariados, sem passar, assim, pela grande lavoura.

Ao iniciar-se o século XX, Brás, Moóca e Belenzinho eram a maior concentração de fábricas e operários da cidade de São Paulo¹¹. Daí em diante, fábricas e oficinas se multiplicam, a indústria passando a ser o elemento fundamental de integração desses bairros à cidade. E, ao mesmo tempo que em alguns bairros se efetivava o projeto das elites de "*embelezamento*" da cidade, do outro lado do Tamanduateí, entre outras porções da cidade, multiplicavam-se os cortiços, havia falta de água e de esgoto, as ruas eram escuras e enlameadas, o lixo acumulava-se na Várzea do Carmo.

Retomando a consideração das relações entre classes e grupos sociais, do exame de documentos relacionados à idéia, defendida em 1895, de remover a Hospedaria da cidade, ressalta o antagonismo dos grupos dominantes face aos imigrantes, expresso em discursos de deputados, porta-vozes da elite.

"(...) é princípio rudimentar de higiene, (...), que a grande aglomeração de pessoas de baixa classe em lugares populosos é um inconveniente muito grave, porque esses núcleos de população, de gente mal vestida e mal alimentada, se convertem em centro de propagação de diversas moléstias, como a malária, a febre tífica, (...)"¹².

"A população corria grande risco, porque esses milhares de indivíduos que ficavam por longo tempo nesta capital, pouco afeitos ao nosso meio social, espalhados pela rua em plena vadiagem, e diga-se mesmo - pouco escrupulosos como o são em geral, constituíam uma ameaça perene à ordem pública"¹³.

Aparentemente provocado pela ameaça, que aos olhos da elite representavam os imigrantes à saúde e à ordem públicas, como decorrência das precárias condições em que viviam na cidade de São Paulo,

antagonismo de classe é o que se revela. E, muito provavelmente, acirrava-se diante da ascensão econômica de imigrantes que se estabeleciam por conta própria com pequenos negócios, ameaçando desalojar grupos nacionais mais ou menos bem postos econômica e socialmente.

Paula Beiguelman analisou choques de rua envolvendo brasileiros e imigrantes italianos, ocorridos em 1892 e 1896, em mais de uma cidade do estado, inclusive em São Paulo. Segundo a autora, para os nacionais, o imigrante aparecia como "açambarcador das novas oportunidades". Daí as manifestações de ressentimento contra o imigrante. Em contrapartida, "os imigrantes desenvolvem uma auto-representação como elementos civilizadores, adotando atitude altamente crítica para com o comportamento econômico do elemento nacional, e o seu conformismo com o baixo padrão que não se esforçava por abandonar" (Beiguelman, 1977, p. 119).

O fato é que a combinação, nos bairros além-Tamanduateí, de elementos muito fortes atuando no sentido de uma integração segregada, leva a pensar em forças de coesão atuando com maior intensidade do que em outras porções da cidade, resultando numa identidade mais nítida desses bairros.

Constatações feitas ao longo da pesquisa, depoimentos e análises de autores diversos que estudaram esses bairros, não deixam dúvida quanto à constituição de uma unidade urbana particularizada, formada pelos bairros além-Tamanduateí, sem prejuízo de uma certa diversificação entre os mesmos.

Já foi mencionada a designação "outra cidade" atribuída a esse conjunto de bairros operários, traduzindo a complexidade da realidade social que se constituiu a leste do Tamanduateí. A concentração aí da população, da indústria, do comércio, de serviços, de escolas, de atividades culturais diversas, de formas diversas de associação entre trabalhadores e de formas embrionárias do movimento sindical, indica a formação de um núcleo complexo de vida social que se manteve até meados do século XX.

A realidade desse conjunto de bairros pode ser melhor compreendida se recorremos a formulações de Henri Lefebvre

(Lefebvre, 1977, p. 207-215) sobre o bairro. O estudo do bairro (este entendido como unidade de vida urbana), na abordagem proposta pelo autor deve partir da cidade como totalidade (portanto, da sociedade). Considerado "importante mas não essencial, conjuntural mais que estrutural", o bairro possui um maior ou menor grau de realidade como nível de organização da vida urbana (Lefebvre, 1977, p. 207-215).

Observa-se, segundo o autor, nas condições atuais da urbanização, uma tendência ao desaparecimento do bairro como escala de organização da vida urbana. Apesar desta tendência, uma ideologia do bairro, que o toma como essência da vida urbana, continua exercendo influência. A apologia da paróquia e da vida paroquial sustenta essa ideologia, embora a paróquia seja um fato datado¹⁴. Hoje, argumenta o autor, não se pode esquecer o Estado. Hoje, "as instituições não têm mais nada em comum com o bairro; mais do que nunca elas o ultrapassam, o dominam. (...) O bairro quase não intervém na proclamação dos valores dominantes. Quando muito, podemos associá-lo à sociabilidade espontânea e reencontrar nele, em algumas circunstâncias, as condições de uma eferescência. Isso limita o bairro ao nível das relações imediatas e diretas, interpessoais, do âmbito da psico-sociologia tanto quanto da sociologia, desenrolando-se à sombra das instituições, mas segundo modalidades não institucionais."

Mas, não basta, para o autor, essa abordagem sincrônica. "Tomemos a questão no tempo, diacronicamente. O bairro, numa cidade que cresce, pode tornar-se um núcleo de vida social. A unidade da cidade, estendendo-se, dispersando-se, pode encarnar-se, se ousamos nos exprimir assim, em um fragmento privilegiado. Primeiro subúrbio ou apêndice exterior, esse fragmento é absorvido embora conserve uma vida própria que se intensifica como consequência da absorção. O caráter de comunidade local (territorial) transfere-se, então, da cidade para um de seus fragmentos ou elementos. A reunião de diversos equipamentos (comércios, instituições, lugares de encontro e de lazeres, etc.) pode constituir um núcleo sólido. Sobretudo se a disposição dos lugares, das vias de aces-

so e dos percursos (estradas, ruas, praças) a isso se presta, de um lado dirigindo a circulação para os equipamentos, de outro lado, isolando o espaço assim determinado em relação à vizinhança.

Um tal bairro, assim consolidado, assim organizado pelas forças sociais que modelaram a cidade e orientaram seu desenvolvimento, pode resistir por muito tempo após a deterioração da escala do bairro no curso do crescimento urbano que o suplanta e diante dos problemas muito mais vastos postos pela prática social." (Lefebvre, 1977, p. 212-213).

A DESESTRUTURAÇÃO DOS ANTIGOS BAIRROS "ITALIANOS" ALÉM-TAMANDUATEÍ

A longa citação acima justifica-se pelo que esclarece sobre a realidade do bairro nas condições atuais da urbanização e sobre a abordagem que, pela história, permite explicá-lo. Ganham contornos mais nítidos a formação, como também a dissolução dos bairros além-Tamanduateí a partir dos anos 40 do século XX.

Como já foi observado, ações dos grupos dominantes guiaram-se por estratégias que visava segregar os imigrantes. Mas é preciso não esquecer que a ela se contrapunham estratégias dos imigrantes. Entre elas, como foi assinalado, pode ser lembrado o desembarque de imigrantes em estações entre São Paulo e Santos como estratégia para permanecer na cidade.

No âmbito desta pesquisa, foi analisada a trajetória de imigrantes que viveram a condição operária e que encontraram, nas próprias brechas abertas pela expansão da indústria, a possibilidade de se tornar empresários começando com pequenas oficinas criadas no início dos anos de 1920 - *Andrighetti e Ribeiro* - atuando na produção de teares destinados a pequenas tecelagens.

A complexa trama de relações que se estabeleceu entre a grande indústria têxtil e uma categoria de trabalhadores qualificados (nos casos analisados, mecânicos que tinham tido acesso a escola profissional), ao que tudo indica, teve um efeito dinamizador favorecendo o avanço da industrialização ao propiciar o surgimento

de uma produção nacional de teares.

A pesquisa de outros setores industriais teria revelado outros momentos e situações em que imigrantes, ou seus descendentes, estabeleceram-se com pequenas "oficinas de fundo de quintal", muitas delas na origem de empresas que se consolidaram depois. O que, vale lembrar, não deve sugerir que todas as oficinas progrediram, muitas delas tendo sido logo eliminadas por não suportar a concorrência das empresas maiores.

Por outro lado, a reconstituição da história das duas fábricas de teares, das suas relações com as grandes empresas do setor têxtil e com as pequenas tecelagens, ao mesmo tempo que mostrava a indústria como forte elemento estruturador de uma realidade social que se expressava nos bairros industriais e operários nascidos da primeira fase da industrialização paulistana - identificados como "bairros italianos" - revelava o poder desestruturador que a indústria tinha sobre os bairros.

A ascensão de imigrantes à condição de empresários implicava uma ruptura com os bairros, que deixavam de ser o local de moradia. Abandonar o bairro de origem por outro, reconhecido como de elite, parece ter sido a regra entre os novos empresários. A esse respeito, é significativo o depoimento do Sr. Andrighetti referindo-se a vários conhecidos seus, donos de pequenas fábricas no Brás ou no Belenzinho: "porque todo mundo começou a progredir de uma maneira espantosa (...), e, os que cresceram no dinheiro mudaram..., todo mundo andou fugindo de lá".

Naturalmente, por maior que tenha sido o número dos que enriqueceram e, por isso, deixaram os bairros, seu número é irrisório diante da massa de assalariados formada de imigrantes e seus descendentes, que permaneceu nessa condição e, aos quais, logo vieram se juntar contingentes crescentes de trabalhadores nacionais.

E, para os trabalhadores, a consolidação da indústria teve efeitos desagregadores muito fortes sobre o modo de vida, ao levar à dissolução de um elemento fundamental na constituição dos bairros operários - a associação estreita entre moradia e trabalho que caracterizou a industrialização no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, período

em que São Paulo mostrou um padrão concentrado de urbanização.

Muitos trabalhadores foram expulsos para a periferia, em busca de aluguel mais barato, ou da tão sonhada casa própria na periferia, pela via da auto-construção. Muitos trabalhadores foram expulsos porque as fábricas, para se expandirem, compravam as residências contíguas a elas e as demoliam.

No âmbito desta pesquisa, situam-se nos anos 40 do século XX os casos constatados, tanto de abandono dos bairros além-Tamanduateí por imigrantes bem sucedidos como empresários, em busca de locais mais prestigiados do outro lado da cidade, como de expulsão de trabalhadores que passam a viver na periferia da Zona Leste.

Como muito bem mostrou o depoimento de uma operária, a mudança para a periferia foi acompanhada de uma degradação das condições de vida. Em termos de moradia estrito senso, nada mudou, porque a família trocou um cortiço no Brás por outro na Vila Matilde. Mas o Brás, nos anos de 1940, tinha infra-estrutura urbana - água, esgoto, calçamento, iluminação, transporte público - ausentes num loteamento popular periférico em ocupação. Acrescenta-se a isso que, além de lugar de moradia e trabalho, os bairros além-Tamanduateí eram também lugar de encontro e de festa. Todos os entrevistados descreveram o movimento na "Avenida" (Rangel Pestana/Celso Garcia) nas noites de sábado e domingo; as vitrinas das lojas; mencionaram as "passeatas" do Brás e do largo São José do Belém (o flerte para os jovens e o passeio para os mais velhos); os cinemas; as festas nas paróquias (Nossa Senhora de Casalucce, São Vito Mártir, São Gennaro); as companhias italianas de ópera que se apresentavam no teatro do Brás; os inesquecíveis carnavais do Brás.

Embora o estudo feito não permita apreender em toda a sua complexidade a realidade dos bairros além-Tamanduateí, já que muitos elementos dessa realidade não foram analisados, do exame mais detido da indústria resultou o entendimento de que o mesmo processo que integrava os bairros à cidade de São Paulo, dissolvia, desestruturava a realidade dos bairros industriais e operários das primeiras fases

da industrialização paulistana. Como elementos dessa estruturação-desestruturação: o abandono dos bairros pelos imigrantes enriquecidos pelo progresso de suas oficinas; a ascensão e o declínio de empresas; a expulsão de moradores que, impossibilitados de pagar os aluguéis em alta procuravam os loteamentos desprovidos de infra-estrutura que se abriam nas franjas da cidade; o abandono dos bairros por moradores expulsos pelas fábricas que se expandiam às custas da destruição das moradias a elas contíguas. Assim uma série de elementos são indicadores da dissolução de laços sociais constituidores da realidade dos bairros além-Tamanduateí.

Em outras palavras, ao examinar a indústria na escala micro dos bairros e até de empresas, revelou-se, como sentido mais amplo, a posição de São Paulo como centro do desenvolvimento industrial brasileiro, induzindo o crescimento da cidade em um ritmo cada vez mais acelerado, próprio dos processos de metropolização. A cidade passa, então, a concentrar o fluxo migratório interno de trabalhadores expulsos do campo. Trabalhadores nacionais integram-se como mão-de-obra industrial.

A presença "nordestina" nos antigos bairros "italianos" além-Tamanduateí é ressaltada nos estudos que examinam sua realidade atual.

No âmbito desta pesquisa, em diversos depoimentos, essa presença é associada à deterioração dos bairros, à perda de sua antiga identidade.

Para um empresário, filho de imigrantes, que retornou ao Belém nos anos de 1950, depois de alguns anos residindo nos Jardins, "O largo São José do Belém estava assim de pau-de-arara" e os filhos não quiseram ficar, a família tendo retornado aos Jardins.

Tem o mesmo sentido o depoimento de um representante da IRFM-Indústrias Reunidas F. Matarazzo, colhido na sede social da empresa, desde 1972 instalada no Brás. Segundo ele, o Brás encontra-se hoje muito deteriorado, a proliferação do "comércio de trapos" sendo um dos sinais de degradação. Refere-se à venda de retalhos provenientes das confecções (setor industrial dominante no Brás hoje), em lojas de aspecto improvisado, pertencentes a nordestinos que ascenderam economicamen-

te e estabeleceram-se por conta própria¹⁵.

No passado, os imigrantes estrangeiros eram discriminados. Hoje, são os "nordéstinos", mas também os imigrantes bolivianos que, desde algum tempo, passaram a trabalhar como operários em confecções.

Como revelou a pesquisa e já foi aqui assinalado, a mencionada deterioração resulta do processo de metropolização, responsável pela desestruturação dos bairros e, no limite, pelo "desaparecimento" da vida de bairro. Caberia, então, perguntar o que restou daquela "outra cidade", dos antigos bairros operários além-Tamanduateí de outrora.

A realidade atual desses bairros é muito diversa da que os caracterizou até meados do século XX. A indústria tradicional (têxtil, metalúrgica, grandes moinhos de trigo...) praticamente desapareceu, embora permaneçam muitos velhos edifícios de fábricas, abandonados ou retomados por outros usos. A confecção e o comércio a ela vinculado, ao contrário, expandiram-se.

Também não se pode esquecer a destruição de antigos quarteirões para a abertura da Avenida Radial Leste e, depois, para a construção do metrô. Em ambos os casos, houve expulsão de moradores como consequência das desapropriações.

Por outro lado, é muito forte a presença de migrantes nacionais e seus descendentes. Muitos como moradores dos inumeráveis cortiços aí existentes. Muitos como moradores da distante periferia, mas aí trabalhando.

E se, a partir dos anos 30 e principalmente do segundo pós-guerra, muitos trabalhadores expulsos do campo integraram-se como assalariados na indústria e nos serviços concentrados na metrópole, a partir da década de 1980 a perspectiva de integração ao mercado formal de trabalho tornou-se cada vez mais restrita, levando parcelas crescentes dos que continuam a afluir, bem como de já residentes na metrópole, às situações de desemprego, subemprego, indigência, constituindo um contingente cada vez maior de população errante na cidade.

Considerando esta nova realidade é que venho pesquisando os modos de (não)inserção à vida urbana de segmentos componentes dos "excluídos". Apoiada,

em especial, em entrevistas com abrigados no albergue noturno que ocupa dependências da antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás, esta pesquisa procura se deter um pouco mais na realidade atual dos antigos bairros "italianos" além-Tamanduateí.

* *Margarida Maria de Andrade é Profa. Aposentada do Dpto. de Geografia da FFLCH-USP.*

NOTAS

1. Este artigo baseia-se na tese de doutorado apresentada ao Dpto. de Geografia da FFLCH-USP, sob o título "Bairros além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Moóca e Belenzinho", São Paulo, 1991.

2. A primeira hospedaria data de 1881 e ficava no Bom Retiro. A exiguidade das instalações face à intensificação da imigração levou o governo da província a construir a nova hospedaria.

3. Cf. Dados para a História da Imigração e da Colonização em São Paulo. In: *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, Secr. da Agr., Com. e Obras Públicas*, ano V, nº 19, 2º trimestre de 1916, São Paulo, p.181.

4. Em 1895, um deputado acusa que, dos 74.975 imigrantes chegados em 1893, 37.641 não foram para a lavoura e 5.800 não deram entrada na Hospedaria, tendo se espalhado em São Paulo, Santos, ou nas estações intermediárias entre São Paulo e Santos. (Cf. Câmara dos Deputados do Estado de São Paulo, *Anaes da Sessão Ordinária de 1895*, 78ª Sessão Ordinária, 12/08/1895, Deputado Paula Novaes, Projeto nº 68, em primeira discussão).

5. Relatório do Presidente da Província João Alfredo C. de Oliveira à Assembléia Legislativa Provincial - 1886, São Paulo, Typographia Jorge Seckler & Cia.

6. Câmara dos Deputados do Estado de São Paulo, *Anaes da Sessão Ordinária de 1895*, 78ª Sessão Ordinária, 12/08/1895, Deputado Álvaro de Carvalho, Projeto nº 68, em primeira discussão.

7. Relatório do Presidente da Província João Theodoro Xavier à Ass. Legislativa Provincial, de 05/02/1873, Typographia Americana, 1873.

8. Para uma população total de 2.308 habitantes, 1.705 eram brasileiros, 325 estrangeiros e 278 escravos.

9. *Brás - Espaço e Uso*. Cardernos-2, Casa das Retortas, Secr. Municipal de Cultura, Prefeitura do Município de São Paulo, p.46.

10. Em 1933, as três fábricas de tecidos de algodão da IRFM nos bairros além-Tamanduateí empregavam, juntas, mais de 4 mil operários. O Cotonifício Crespi empregava, em 1928, 3.300 operários. (Cf. Estatística Industrial do Estado de São Paulo - 1928 e 1933 - Sec. da Agr. Ind. e Com. do Est. de S. Paulo. Typ. Garraux, 1930 e 1935).

11. Apoio-me aqui na análise feita dos dados reunidos sobre a indústria paulistana por Bandeira Jr., Antônio Francisco. A Indústria no Estado de São Paulo em 1901. São Paulo, Typ. do Diário Oficial, 1901. Das 100 fábricas pesquisadas na capital, cerca de 70 forneceram dados sobre pessoal:

empregavam cerca de 8.000 operários, dos quais, no dizer do autor, 90% seriam estrangeiros, principalmente italianos.

12. Câmara dos Deputados do Estado de São Paulo. *Anaes da Sessão Ordinária de 1895*. 80ª sessão ord., 14/8/1895, deputado Almeida Vergueiro.

13. *Idem*. 81ª sessão ord., 16/8/1895, deputado Carlos Vilalva.

14. O estudo do bairro evidencia como, nas cidades da Europa ocidental, o bairro organizava-se em torno da paróquia que, além de existência religiosa, tinha também existência civil e política (nascimentos, casamentos e óbitos eram inscritos nos registros paroquiais). Com a separação entre o religioso e o civil, a paróquia, antes núcleo estruturador de vida urbana, da capacitação de bairros, perdeu funções e a capacidade estruturadora. Assim, não tem mais fundamento a ligação bairro-paróquia (Lefebvre, 1977, p.209-210).

15. Esta atividade, hoje bastante expandida no Brás, nos seus vínculos com a migração nordestina vem sendo estudada por Sueli de Castro Gomes sob o título "O Comércio de retalhos - a inclusão de migrantes em São Paulo". (cf. Relatório apresentado, para o Exame de Qualificação em nível de Mestrado, ao Departamento de Geografia da FFLCH-USP, 2000).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEIGUELMAN, Paula
(1977) *A Formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos*. 2ª ed. rev. e ampl., S. Paulo, Pioneira, p. 119.
- CANABRAVA, Alice P.
(1949-50) "As chácaras paulistanas". In: *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, Vol. IV (tomo I), AGB-SP, p. 99 e 103.
- RÉCLUS, Elisée
(1894) *Nouvelle Géographie Universelle*, t. 19, Paris, Hachette, p.370-1.
- LANGENBUCH, J.R.
(1971) *A Estruturação da Grande São Paulo - Estudo de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro, IBGE, p. 11.
- LEFEBVRE, Henri
(1977) "Quartier et vie de Quartier". In: *Du rural à l'urbain*, 3ª ed., Paris, Anthropos, p. 207-215.
- PAULA, Eurípedes Simões de
(1954) "A segunda fundação de São Paulo (Da pequena cidade à grande metrópole de hoje)". In: *Revista de História*, nº 17, jan-março, ano V, vol. VIII.
- PENTEADO, Jacob
(s/d) *Belenzinho 1910 (retrato de uma época)*. São Paulo, Martins, p.79-80, 102-103 e 160. / p. 172, 215-218.
- PETRONE, Pasquale
(1953) "As indústrias paulistanas e os fatores de sua expansão". In: *Boletim Paulista de Geografia*, AGB-SRSP, junho, p.29.
- TOLEDO, Benedito Lima de
(1983) *São Paulo: em um século, três cidades*. 2ª ed.aum., São Paulo, Livraria Duas Cidades.